

An aerial photograph of Barra do Ceará beach in Ceará, Brazil. The image shows a wide, sandy beach with gentle waves lapping at the shore. In the background, a long bridge with several pillars spans across the water. Beyond the bridge, a dense urban area is visible, with buildings and palm trees. In the far distance, a range of mountains is silhouetted against a sky filled with scattered white clouds. The overall scene is bright and scenic.

Barra do Ceará

**BERNARDO
NETO**



Barra do Ceará



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito de Fortaleza
Gaudêncio Gonçalves de Lucena

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza
Francisco Geraldo de Magela Lima Filho

Secretária-Executiva
Paola Braga de Medeiros

Assessora de Políticas Culturais
Nilde Ferreira

Assessor de Planejamento
Inácio Carvalho de A. Coelho

Assessora de Comunicação
Paula Neves

Assessor Jurídico
Vitor Melo Studart

Coordenadora de Ação Cultural
Germana Coelho Vitoriano

Coordenador de
Criação e Fomento
Lenildo Monteiro Gomes

Coordenador de Patrimônio
Histórico e Cultural
Alênio Carlos N. Alencar

Coordenador
Administrativo-Financeiro
Max Diego de Carvalho Caldas

Diretora da Vila das Artes
Claudia Pires da Costa

Secretário da Regional I
Guilherme Teles Gouveia Neto



**Prefeitura de
Fortaleza**

Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza

Bernardo Neto

Barra do Ceará



Copyright © 2014, Bernardo Neto

Concepção e Coordenação Editorial
Gylmar Chaves

Projeto Gráfico e Diagramação
Khalil Gibran

Revisão
Milena Bandeira

Fotos da Capa e Contracapa
Gentil Barreira - Imagem Brasil

Supervisão Técnica
Adson Pinheiro/Amanda Nogueira

Sumário

| | |
|---------------------------------------|----|
| Itinerário para se chegar à beleza | 9 |
| Começando a conhecer a Barra do Ceará | 11 |
| São Sebastião sobre o Rio Ceará | 12 |
| Pelas ondas da eternidade | 14 |
| Um encontro de amor | 15 |
| Natureza: fauna e flora | 17 |
| De chalana, pelo rio | 19 |
| Festejos de São Sebastião | 21 |
| São Pedro sobre as águas | 22 |
| Cruzeiro de Santiago | 23 |
| História da Barra do Ceará | 25 |
| Emoção e amor à natureza | 27 |
| O pescador | 27 |
| Eu e o Rio Ceará | 28 |
| O Bairro | 29 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| Tubarão da Barra | 31 |
| Tambores da Barra | 31 |
| O pôr do sol | 32 |
| Uma bala de canhão | 33 |
| Tempos áureos | 34 |
| Soltando arraia | 35 |
| Altar da história | 36 |
| Seu Zequinha, um homem pobre sem baú | 37 |
| Mariô | 39 |
| Pelas águas salgadas do Rio Ceará | 41 |
| Portas da paisagem | 42 |
| Rio da minha vida | 43 |
| Cronologia | 44 |
| Bibliografia | 49 |

*A Cristhyana Bernardo, minha esposa,
pelo amparo espiritual e sentimental.
A José Rodrigues Coelho,
“Seu Zequinha da Barra”, pelo legado.
Ao meu grande pai,
Geraldo Bernardes da Silva,
pela ética, moral
e gosto pelas coisas do sertão.
A minha mãe, Mariô França Bernardo,
pela coragem e ensinamentos de vida.
A Regina Célia Ribeiro e
sua alma guerreira.
Aos meus irmãos Geraldinho, Nitinha,
Neca, Robernardo, Ricardo, Heliana
(in memoriam) e Françóis (in memoriam).
Ao amigo Marcos Santos,
pela trajetória da amizade.
As minhas melhores canções:
Poena, Caique, Said, Izmir e Sauã.
Ao poeta Gylmar Chaves,
pela oportunidade de publicar.*



Itinerário para se chegar à beleza



Os caminhos desta cidade nos leva à apreciação do que há de mais raro e poético: sua beleza natural. E só após percorrer esse trajeto, seremos capazes de compreender a dimensão de suas paisagens originais, seu enorme crescimento urbano e sua importância em nossos fatídicos dias.

Nessa trilha nos depararemos com a história pulsante deste bairro, que se faz presente em acordes de canções que o enaltecem, bem como em versos carregados de lirismo e memória, a fim de tentar transferir para o papel o simbólico, o sagrado de um lugar cheio de reminiscências e afetos.

Como fator inicial, temos o açoriano Pero Coelho de Souza, que de acordo com a historiografia foi o primeiro homem branco a pisar em terras cearenses. Ele afirmou que o Vale do Rio Ceará apresentava vantagens para o erguimento de uma povoação: “são estas terras as melhores que hei visto, porque as porcas parem quatro vezes cada ano e muitos leitões de cada vez, com as frutas e mariscos

do rio”. Relato este crucial para despertar o interesse em quem estivesse ansioso pelo aspecto empreendedor do local, bem como seus aspectos gerais.

E todo o encanto pelo local se justificava porque a Barra do Ceará era um campo verdejante, uma canção tangida pelos ventos da tarde, tingida pelas cores do pôr do sol, cantada pelas águas do Rio Ceará, que eternizam nosso berço que deu origem à Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Foi lá que se deu o início da civilização branca nesse semiárido, tudo isso em 1603.

A esplendorosa beleza nativa desse lugar está fincada no encontro do rio com o mar, que por meio de suas águas bordejam claros azulejos de prata. No céu de suas tardes, na luz que mansamente se infiltra por entre as sombras, estão soterradas, sob suas dunas, histórias e mistérios. Tudo isso fluindo pelas águas do rio que se alonga, espreguiça-se e se move como um tapete de vidro, em direção ao mangue.

O movimento das águas, a exuberância da mata ciliar, o manguezal, a flora, a fauna, os barcos impregnados de história, o ritual do pescador, o lanceio da tarrafa, o cheiro das marés, o sal da vida, o balé das ondas sopradas pelo vento do fim da tarde, o deslizar da chalana, o voo da garça branca sobre o velho porto... Tudo isso compõe o cenário aconchegante, poético e fascinante da Barra do Rio Ceará.

Também é na Barra o lugar onde deitam a brisa e o céu mais bonitos da cidade, comovendo a todos, inclusive os eventuais apaixonados que por lá passem. É um cenário capaz de encher olhos e coração, dignificando e elevando um bairro ao qual pertence a peça fundamental deste quebra-cabeças chamado História do Ceará.

Começando a conhecer a Barra do Ceará

Certa vez, meu pai levou a família para passar uma temporada na Barra do Ceará, quando ainda era um imenso areal. Eu devia ter uns 7 ou 8 anos de idade. Deparei-me com um mundo azul das águas do mar a rolar pela areia e banhar um pedaço de terra muito deserto. Jamais imaginei que estaria num ambiente cheio de rara beleza. O céu e o sol despejavam brilho e alegria sobre aquela manhã. Eu descobria, naquele momento, a Barra do Ceará.

Eu entendia que estava num lugar mágico, onde as pessoas poderiam relaxar e, ao mesmo tempo, refletir, apreciar a vista maravilhosa, conhecer de perto os ambientes oferecidos, com sua geografia peculiar e sua natureza invejável. Eu já percebia, mesmo em tenra idade,

que aquele local seduzia a todos, moradores ou não, pois toda a Barra era um convite.

À direita de quem chega à Barra do Ceará, encontra-se a Praia das Goiabeiras. Nesse lugar, que pertence ao mesmo bairro, lembro-me de seus habitantes subindo o morro para contemplar o Rio Ceará se alongando em direção ao manguezal. Essa é uma paragem de muitas confluências, considerado o bairro mais antigo de Fortaleza, encravado no lado oeste da cidade.

São Sebastião sobre o Rio Ceará

São Sebastião é o padroeiro da Barra do Ceará. A cultura religiosa do bairro fez-se forte e marcante através desse santo, o que gerou a necessidade de comemorar e agradecer-lo. Então, todo dia 20 de janeiro de cada ano acontece a festa do santo em que os devotos costumam usar trajes vermelhos, especialmente batas. O padroeiro continua sendo conduzido por uma procissão de canoas que, geralmente, mesmo diante do sol mais forte da manhã, veleja do Rio Ceará até a Ilha do Mosquito, somente visível e visitada quando da maré baixa.

As bandeiras amigas, brasileiras e portuguesas tremulam alegremente. Amarradas em varinhas de bambus, elas nos traduzem testemunho de fé e devoção. E nos inspira a continuar a jornada, individual e coletiva, desse lugar que abraça os seus, e os que por lá passam.

Pela noite, a tradicional procissão sobe até o cruzeiro, construído no alto das dunas, para onde se dirigem os fiéis, rezando e cantando. O cortejo traz à memória a Barra de outra época, pois reúne as pessoas que nasceram e viveram ali uma vida inteira, cheias de histórias pra contar, de episódios pra compartilhar.

A comemoração atrai, além dos nativos, pessoas interessadas em contemplar a vista de suas águas cintilantes, refletindo o famoso pôr do sol típico do bairro mais antigo de Fortaleza.

Os pescadores e moradores foram, por muito tempo, liderados por José Rodrigues Coelho, conhecido por “Seu Zequinha da Barra”, que organizava essa data comemorativa. Quando ele morreu, seu legado religioso-cultural já estava assumido pela comunidade.

Pelas ondas da eternidade

Desde criança senti-me interessado pelas coisas ligadas à Barra e, em especial, a sua história, eternizada por fatos e mistérios, além de seus personagens curiosos e cenários paradisíacos. Minha trajetória está entremeada com a do bairro, numa biografia que poetiza nossas existências.

A existência de uma caravela portuguesa afundada mais ou menos na localização do antigo e memorável clube de regatas, marcado por suas festas e bailes de formatura, polo de cultura e lazer de Fortaleza, espaço este onde as famílias das décadas de 50 e 60 da chamada alta sociedade fortalezense iam para desfrutas do espaço multifuncional, com suas quadras e piscinas, que mesmo as casas mais abastadas não possuíam.

Onde antigamente esteve situado esse ambiente de diversão, atualmente está situado o Centro Urbano de Cultura, Arte e Ciência (CUCA), inaugurado em 2009. O CUCA foi criado com o intuito de assegurar pleno aprendizado juvenil, utilizando-se de novos espaços e opções de desenvolvimento social, cultural e econômico. Além disso, o Centro ainda acomoda diversas atividades do Poder Público e da sociedade civil direcionadas em especial para a Juventude da Regional I.

Gostaria de lembrar o Seu Vicente, morador antigo e conhecedor do lugar, com quem troquei longos bate-papos. Esse cidadão guarda, com muito orgulho, objetos que credenciam a veracidade da verdadeira trajetória da Barra do Rio Ceará. Certa vez ele me mostrou um imenso ferrolho já corroído pela ferrugem, com certeza extraído de uma caravela. Mostrou-me também uma espada que, segundo o mergulhador orientado por Vicente, estava encravada na porta dessa caravela.

Esses fatos estão ligados às inúmeras tentativas de colonização daquele berço originário de Fortaleza, mais precisamente na foz do rio Ceará. Tudo isso, por volta de 1603, quando Pero Coelho edificou o Forte de Santiago.

Um encontro de amor

A beleza da Barra do Ceará é uma atração, é uma história de amor, de paixão. O bairro é um cenário exuberante, e palco de relatos de vida, de emoções e sentimentos que se intensificam devido à provocação romântica que o ambiente nos causa.

Exatamente há 490 anos, o lugar recebeu Martim Soares Moreno, inspirado e encantado com tudo que ali

presenciava: belíssimas condições naturais e paisagens paradisíacas das praias que banhavam o bairro.

A Barra é rio, é mar, é pôr do sol, é poesia para todo lado, esnobando natureza, originalidade e história. Lugar de contrastes, de encontros, de inspiração e memória. Dona de um espetacular pôr-do-sol, está sempre aberta aos visitantes, disposta a encantar com sua beleza natural, provavelmente a mais aprazível do litoral leste de Fortaleza.

O bairro possui duas praias ao longo de suas largas faixas de areia: Praia das Goiabeiras e Praia da Barra, essa última se encontra com o Rio Ceará. O encontro sobre o qual falo, trata-se do amor do rio com o mar, encontro romântico, que pode ser calmo, mas às vezes agressivo, pode ser sereno ou turbulento, arredio ou inevitável. É um encontro que proporciona curiosidade e instiga essas e tantas outras dualidades.

No fim das tardes, a Barra era uma cantoria só. Os pescadores e canoieiros voltavam cantando iluminadas cantigas de rio e de mar. O som das águas calmamente celebrava esse encontro.

Os acontecimentos trazem histórias sentimentais, policiais. A Barra já foi palco de combates sangrentos. Em 1637 chegaram os holandeses, sendo expulsos pelos índios

que já habitavam a região bem antes deles. Os índios, na verdade, trucidaram e mataram os holandeses num massacre terrível, que ficou registrado na história como um marco de resistência e força.

Natureza: fauna e flora

ORio nasce da junção dos riachos Jandaíra e Bom Princípio, na serra de Maranguape, e recebe as águas do rio Maranguapinho, na aldeia dos índios tapebas, situada em Bom Princípio, Caucaia. Após percorrer cerca de 60 km de extensão e cortar Maranguape, Caucaia e Fortaleza, o Rio Ceará deságua na Barra do Ceará. Principal afluente deste, o Maranguapinho nasce dos riachos formados na serra de Maranguape, o Rio Pirapora é o principal. O Maranguapinho percorre 34 km de extensão e atravessa os bairros Antônio Bezerra, Autran Nunes, Quintino Cunha, Genibaú, Bom Jardim, Granja Portugal, Canindezinho, João XXIII e Parque Santa Rosa.

A Barra dispõe de uma paisagem privilegiada, com a opção de um passeio de barco percorrendo o seu belo manguezal, além do privilégio de se encantar com sua

mata ciliar. Tanto a mata ciliar quanto o mangue compõem essa fauna preciosa, especial e bastante diversificada, uma vez que o local mantém, de certa forma, contato com os ambientes terrestre, fluvial e marítimo. Os atrativos são diversos, pois esse bairro é detentor de uma riqueza ímpar, capaz de seduzir através de sua mais primária geografia.

As espécies animais comumente encontradas são: bem-te-vis, maçaricos, gaivotas, sibites do mangue, saracura preta, galinha d'água, garças e gaivotas, sururu, taioba, ostras, pixoletas, búzios e intá, tainha, cumurupim, bagre, sardinha, caranguejo, aratus, guaiamuns, camarões, siris, mão no olho, maria farinha, grauçá, cobra de veado e guaxinins.

Toda a contemplação deste que o bairro mais antigo do Ceará só nos mostra um rio com uma foz de beleza inigualável, bem como seu mangue, sua praia, seus barcos e sua ponte, que juntos formam um cenário bucólico e único na Capital.

De chalana, pelo rio

O hidroporto funcionou entre os anos 1930/1940. Depois dele, estão localizados o cemitério dos navios e as conhecidas salinas da indústria Sal Norte, que foram totalmente desativadas por volta dos anos 90. Ao fundo, o mirante vai desaparecendo entre as curvas do rio. Foi naquele local, em 1612, que Martim Soares Moreno começou a instalação do Forte de São Sebastião, marco da colonização do Estado e do surgimento de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção.

O manguezal vai tomando conta da bela paisagem, ostras, siris, caranguejos as ilhas das garças enchem os olhos dos ocupantes da chalana que descem o rio. A pesca artesanal praticada por meio de tarrafas, landuás, canoas e redes de arrastão. No horizonte é possível avistar a serra de Maranguape, onde nasce no pé da serra o rio Ceará. Antes da volta ao Porto das Canoas, o visitante conhece a Ilha dos Aratus, cheia de pequenos crustáceos.

O passeio pela Ilha do Amor, não se pode deixar de ressaltar a beleza, o esplendor, o ar que se respira, a sensação de estar num outro lugar, podendo se comparar com o Pantanal. É um lugar cheio de magia, poucos conhecem

e reverenciam tamanho encanto. O passeio termina na aldeia dos índios tapebas, onde somos presenteados com sua cultura, dança e artesanato.

A Barra do Ceará nasceu para ser bonita, um abrigo, um porto, além de provocar encantamento. Berço de uma história feita de riqueza e poesia com seu pores do sol, esse bairro fascina e apaixona a todos.

Festejos de São Sebastião

Tudo começou quando Martin Soares Moreno, a 20 de janeiro de 1612, desembarcou na foz do Rio Ceará – Barra do Ceará; ali não mais encontrou as edificações deixadas por Pero Coelho de Souza, em 1603, e ergueu, então, no mesmo local, um novo fortim de madeira, chamando de São Sebastião, em homenagem ao santo do dia, e uma capelinha de taipa sobre a invocação de Nossa Senhora do Amparo. Com início no dia 20 de janeiro, por volta das 6 horas da manhã, ocorria o hasteamento das bandeiras de Brasil e Portugal, ladeando o cruzeiro fincado no alto do morro, onde Soares Moreno ergueu o Forte.

O promotor das festividades era o saudoso professor José Rodrigues Coelho, mais conhecido por Seu Zequinha. Um pequeno coro de criança cantava o hino dos dois países, Brasil e Portugal. Autoridades participavam da festa. Entre os convidados estavam Paulo Sarasate, Parsifal Barroso e Virgílio Távora. O entusiasmo era grande. Eram feitas apresentações de danças folclóricas. À tarde, uma pequena passeata na orla marítima percorria as ruas do bairro. A noite era rezado um terço em homenagem a São Sebastião, seguindo-se um leilão de poucas prendas arrematadas por preços simbólicos.

Os festejos dessa data fazem parte da formação religiosa e histórica dos moradores da Barra. As diversas manifestações mostram o sentido de unidade, de pertencimento ao bairro, numa clara reciprocidade entre o local e as pessoas.

São Pedro sobre as águas

Pescadores e canoieiros na Barra do Ceará prestavam sua homenagem a São Pedro. Os barcos a remo, motorizados e de pesca partiam de volta às 16h em direção a Ilha do Mosquito, no mangue, tendo à frente uma paisagem de São Pedro, conduzidos por pescadores. Os populares entoavam cânticos em louvor à Maria, em um trajeto de 14 km, ida e volta. Crianças conduziam tarrafas e estandartes com a imagem de São Sebastião, São Pedro e Virgem Maria. O desfile de canoas no rio Ceará também fazia parte das comemorações. Participavam em torno de 100 a 200 pessoas que cantavam benditos, para comemorar a chegada de Soares Moreno. Para receber as pessoas no porto, os moradores se enfileiravam no paredão sobre a fumaça e barulho de fogos de artifícios. De volta, a procissão findava na improvisada capela de palha para a missa campal celebrada pelo Padre Edmilson, pároco da área. A solenidade prosseguia até as 18h.

A procissão era sempre idealizada por seu Zequi-
nha, que preferia ficar no anonimato. Dizia que o feito era
uma conquista e promoção do bairro. O que mostra que o
seu interesse sempre fora o coletivo, a fim de dar motivos
para que os moradores realizassem benfeitorias pro bair-
ro juntos. Era também sua maneira de proporcionar algo
grandioso para o lugar que já fazia parte dele.

Cruzeiro de Santiago

Fortaleza recebeu um “Cruzeiro de Granito Galego”, que
foi doado pela Xunta de Galícia, através da *conselleria*
de *emigración* exterior, com chancela do governo espanhol,
através do corpo consular em Fortaleza, Salvador e da em-
baixada da Espanha no Brasil. Edificada, a Praça de Santiago
da Barra do Ceará, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza,
através da Secretaria Regional I, foi instalado o monumento
que mede 12 metros e pesa em torno de 10 toneladas.

A idealização e conquista desse marco partiu da
confraria do Apóstolo Santiago no Ceará, por intermédio
do historiador Aduino Leitão Filho, com apoio do arcebis-
pado de Santiago de Compostela, quando da comemoração,

em 2004, do “Jubileu dos 400 anos do Fortim de Santiago da Barra do Ceará”. Concomitantemente às celebrações especiais do “Ano Jubilar Compostelano”, a festa em memória ao martírio de Santiago (AT.12,2)¹, quando o dia 25 de julho coincide num domingo.

A iniciativa resgata a “Memória Eclesiástica e Histórica” da primeira edificação da capital, que foi erguida em 25 de julho de 1603, por Pero Coelho de Sousa, o pioneiro nesta “Seara” à época de Felipe II – rei das coroas espanhola e portuguesa (1580-1649).

Instalado onde foi erguido o Forte de Santiago – o monumento é uma homenagem aos 400 anos da edificação do Fortim – Marco Zero de Fortaleza de Nossa senhora de Assunção. A estátua foi uma doação feita pela Xunta de Galícia (comunidade da Espanha). A imagem foi feita em granito e esculpida à mão; nela vê-se a face de Jesus Cristo voltada para o oceano Atlântico. O monumento é o orgulho do bairro.

¹ LEITÃO, Aduato. **A Seara de Santiago no Brasil**. Fortaleza, 2004, p. 27.

História da Barra do Ceará

Lugar bastante aprazível a 10 km do centro da cidade. **L**O Rio Ceará é que deu nome à região, depois da colônia, província e hoje estado do Ceará. Ali, em 1603, localizou-se o primeiro colonizador, Pero Coelho de Sousa, açoriano, que fez a primeira tentativa de colonização, mas acabou fracassando. Mais tarde, com igual resultado, veio a expedição dos jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira. Em 1612, fixou-se mais demoradamente Martim Soares Moreno, através de quem se deu a conquista definitiva do Ceará. Soares Moreno construiu o forte de São Sebastião, que depois foi totalmente destruído pelo ataque dos holandeses. Do Forte não se tem mais notícias.²

Entretanto, não demorou muito a permanência de Martim Soares Moreno, porque tendo a sua previsão de capitão-mor, e tempo limitado de dez anos, terminados estes, teve ele de retirar-se do Ceará. Definitivamente, em 1631, indo para Pernambuco combater os holandeses, tomando posteriormente o seu Fortim, pelos flamengos, aprisionada a guarnição e mandada para Recife, cedo se liquidou essa interferência no Ceará, não resultando dela

² GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Editora UFC, p. 32.

senão o simbolismo que se encanta em Soares Moreno, considerado o fundador do Ceará.

A história da Barra do Ceará também é marcada pela construção do hidroporto. Na década de 30, quando Fortaleza não possuía nenhuma pista de pouso, as companhias de aviação alemã Panair e Condor transportavam seus passageiros utilizando os hidroaviões *Junkers*, que aterrissavam no braço de mar alimentado pela as águas do rio Ceará. Entre os passageiros famosos desembarcados na Barra, estava o escritor francês Antoine de Saint Exupéry, autor da obra *O Pequeno Príncipe*. Geraldo Nobre, historiador, confirma a passagem do escritor pelo Ceará, entre 1931/1932, mas ressalta que o fato foi ocasional: “Exupéry tinha como destino a Bahia, mas o hidroavião fez um pouso em Fortaleza para desembarque das correspondências” esclarece.

Como se pode ver, é uma história de luta, de estabelecimento de identidade, de conquista. E notoriamente o Ceará trouxe essas qualidades para os dias de hoje, mostrando a força que a Barra tem, bem como o estado.

Emoção e amor à natureza

Os pássaros ecológicos no Rio Ceará nos mostra uma pequena reserva de mangues e uma paisagem verdejante habitada por garças em busca de tranquilidade para a reprodução.

O agradável e belo passeio tem duração de duas horas e proporciona espaço para a contemplação da ponte, dos mangues e das salinas, além da reserva indígena, dos índios tapebas, que podem ser conhecidos no passeio. Além desses atrativos, outras curiosidades se mostram: como ver os caranguejos, as marias-farinha, os mãos-no-olho e os aratus em seu mais puro *habitat*. Enfim, nesse universo ciliar de espécies marinhas, há muito o que entender sobre as belezas naturais do Rio Ceará.

O pescador

Diz o pescador: “A gente vai escapando, Doutor”, confessando que a vida de pescador nunca foi fácil, à beira d’água, pele seca queimada, resistindo ao sol escaldante. O pescador é pacato, humilde, bom, vive da pesca dos mais variados mariscos.

Seus principais produtos são: o camarão, o aratu, o siri, o caranguejo, a saúna e outras espécies. A rede de arrastão e a linha são o ganha-pão da maior parte dos moradores.

Lembro-me do seu Ambrósio, tinha 78 anos, era o mais antigo pescador, um descobridor dos mistérios do mar. Seu heroísmo, sua coragem, sua bondade e suas orações, tudo isso aliado ao rio, ao mar, à areia, aos coqueiros e aos barcos, traçam o perfil desse simples pescador daquele braço de mar.

Como este, vários outros pescadores se destacam na comunidade, trazendo consigo um rastro de amor pelas águas e histórias pra contar, porque o pescador, além de buscar seu sustento no mar, no rio, traz na sua própria imagem a poesia e o lirismo que a sua ocupação tem.

Eu e o Rio Ceará

Certo dia, eu estava ali, parado de frente para o rio – a tarde caía lentamente. Emocionado, meu coração transbordava de lembranças sopradas pela infância. Lembro-me muito bem das travessias para o outro lado do rio, às vezes em cima dos lombos dos cavalos que meu pai criava

somente para passeios pelos verdejantes campos, as dunas, o areal sem fim, enchia os meus olhos de fascinação e espanto, eu estava sobre o morro mais alto da Barra do Ceará.

Imagino Soares Moreno de boca aberta, apontando a Barra desse deslumbrante cenário – a maravilhada praia, a placidez das águas corredias do rio, com certeza umas das paisagens mais encantadoras de nossa terra, um dos dotes mais aprazíveis do Brasil. Mas a minha contemplação não para por aí... as casinhas de palha no outro lado da Barra, com seus alpendres cativantes, possuem bancos para os visitantes descansarem depois das longas caminhadas pelo areal sem fim de suas lindas praias verdes de coqueiros.

O Bairro

Há quatro décadas moradores oriundos de outras regiões da cidade enfrentavam ônibus lotados em direção às lindas e brancas dunas do rio Ceará. O banho era atração, suas águas despoluídas da praia das Goiabeiras, o bar do Araújo, com seu aspecto bem rústico, lugar muito frequentado por famílias da comunidade, fonte de inspiração de cantigas nascidas do bojo do violão do poeta cantador daquele rio. A história do Clube de Regatas se confunde com

a história do bairro; todo cearense teve ou tem um pé na Barra do Ceará. O clube era muito procurado por suas enormes piscinas ou pelos inesquecíveis bailes de formatura.

A Barra do Ceará não é apenas um bairro a mais de Fortaleza, ou o marco zero da Fundação de nossa cidade. Canoeiros, pescadores, a encantadora e exuberante paisagem verde e a tranquilidade do lugar dão ao visitante a mais verdadeira sensação de pisar num estranho país. Muito distante do burburinho, da agressiva poluição da cidade grande, um cenário praticamente habitado por pescadores.

O local oferece inúmeros atrativos: passeio desprezioso pela avenida de contorno a uma grata visita “ao outro lado”, margem esquerda do Rio Ceará, onde você pode desfrutar e ouvir histórias de velhos pescadores e suas aventuras no mar, enquanto toma “um caju amigo” – bebida de origem indígena – com um saboroso peixe frito, siri ou caranguejo fresquinhos, pescados ali na frente do visitante, ou do conhecido freguês.

Como ficou claro, todo o bairro é um convite. E seus aspectos mais bucólicos e simples conquistam os visitantes que por lá passam. Além dos elementos naturais, os humanos enaltecem essa Barra que é de todos.

Tubarão da Barra

Nome dado carinhosamente ao Ferroviário Atlético Clube, time forte, mas de poucos campeonatos. No entanto, é o doce de coco de seus torcedores fervorosos e até das torcidas rivais. No início dos anos 30, um grupo de funcionários da então Rede de Aviação Cearense fundou os times Matapasto e Jurubeba, desta fusão surgiu o Ferroviário Atlético Clube. Hoje o Ferroviário tem sua sede própria: o Estádio Elzir Cabral, local onde a torcida organizada conhecida como Tubarões da Barra se concentra.³

Tambores da Barra

Tambores da Barra não é apenas um bloco pré-carnavalesco, trata-se de um encontro que visa integrar a comunidade, reconhecer no povo sua identificação cultural, social e política. Esses Tambores representam a pulsação do coração de cada um, no sentido de um processo de convivência e confraternização, ser feliz, cantar, dançar, tocar, brincar, brindar à história da Barra do Ceará. O bloco já faz parte do calendário do bairro.

³ Guia Informa Tudo. Maio/Junho, 2000, p. 29.

Como diz e canta a canção nos versos do poeta: “Barra do Ceará, és linda e tens tradição, berço de Fortaleza o pôr do sol da mais pura beleza. Barra do Ceará, o rio desliza no verde manto, nas matas e manguezais, o luar cintilante de prata, o canto do pajé na mata, abençoa os Tambores da Barra dando viva aos nossos carnavais”.

O pôr do sol

O pôr do sol que debruça na paisagem, o céu das tardes, a luz que lentamente se infiltra entre as sombras, enquanto as águas do rio desenham claros azulejos de prata, as tardes carregadas de matizes remete-nos à infância do menino e do rio, tudo isso fluindo pelas águas desse braço de mar que move-se como um tapete de vidro em direção ao manguezal. O pôr do sol, ainda hoje, é um dos mais empolgantes espetáculos da natureza; ao cair da tarde, absorve-se seu fascínio, a luz derramada avermelha as águas do rio, dando um tom de encantamento ao final da tarde.

Com certeza um dos pores do sol mais bonitos da terra é o que acontece naquela foz do Rio. O local, apesar de belíssimo, ainda não tem infraestrutura adequada, e talvez por isso não faça parte do circuito turístico da cidade.

Uma bala de canhão

O fato foi o suficiente para o desafio; pesava em torno de 2 quilos e uns quinhentos gramas, corroídas pela implacável ferrugem. Uma bala de canhão encontrada em frente ao antigo Clube de Regatas⁴, atualmente situado o CUCA “Centro Urbano de Artes Ciências e Cultura”. Essa bala foi levada para o museu do Seu Zequinha, como referência à própria história da Barra do Ceará.

Transcorridos 362 anos da chegada do colonizador português à Barra do Ceará, aparecem, em 1974, os primeiros vestígios do Forte de São Sebastião. Primeiro, foi uma bala de canhão de dois quilos e quinhentos gramas, corroída pela ferrugem. Em seguida, pedaços de pedra e o arcabouço de uma muralha. Graças ao esforço do professor José Rodrigues Coelho (Seu Zequinha da Barra), que há mais de trinta anos procura vestígios do Forte, finalmente, foi descoberto um importante marco na história do Ceará.

Historiadores e pesquisadores admitiram serem realmente as ruínas do Forte de São Sebastião, construídos

⁴ Foram encontradas algumas balas de canhão, então estudadas e classificadas pelo historiador Ismael Pordeus.

pelos portugueses, tomado pelos holandeses e destruído depois pelos índios.⁵

Tempos áureos

O Clube de Regatas Barra do Ceará tinha sua organização na Avenida Castelo Branco, batizada pelo povo de Avenida Leste-Oeste. Antigo palco de fervorosos e animados carnavais de Fortaleza, e cujo salão de festa fez a alegria de milhares de formandos entre as décadas de 60 e 90. A comunidade também desfrutava das mais variadas formas de práticas esportivas, onde se destacavam o voleibol, a natação e o futebol de salão. Nos últimos domingos de cada mês, o clube promovia alegres e animadas matinês para sócios e convidados. Na ocasião eram feitos sorteios e brindes, isso tudo embalado por música ao vivo.

⁵ LEITÃO, Adauto. *A Seara de Santiago no Brasil*. Editora UFC, 2000, p. 123, 124.

Soltando arraia

Rua 20 de janeiro, no Rancho 12 Apóstolos, o vento soprava forte. Era agosto. Eu devia ter uns 7 anos, palito de coqueiro, papel de seda – de preferência muito alegre – e estava feita a diversão. O sol começava a esquentar, não via a hora de soltar o brinquedo da liberdade feito um dia antes de ir pra a rua. Toda criança tinha uma história de chamar o vento com assobios “vem vento, vem”, e haja assobios e a ventania fazia-se mais forte. E lá se ia a arraia com calda e tudo, solta boiando no céu. Alegria mais bonita eu não conhecia. Bailando, agitando a calda faceira linda no ar; através da linha, a emoção do lanceio era uma verdadeira magia da minha infância brejeira.

Ainda hoje me pego subindo aos céus, querendo ir com ela, sonhando ao lado de meu filho Sauã, soltando sua predileta *Arraia* colorida. Podemos dizer que somos empinadores do sonho e da liberdade.

Altar da história

Sempre acendi meus olhos ao me debruçar sobre a Barra do Ceará. Tudo ali me fascinava. Quando criança costumava fazer escavações nas areias de suas dunas, assumindo meu papel de pequeno explorador. Algumas vezes me deparei com resquícios de uma velha muralha, o que suscitava em mim a pergunta: “seria o Forte de São Sebastião?”.

Nessas areias desassossegadas, encontrei cartuchos de armas de fogo, fragmentos de louçarias portuguesas, moedas e pedaços de pedras que se desprendiam da muralha. Tudo aquilo se descortinava como uma imensa riqueza aos meus olhos, de tempos idos, de momentos nos quais eu não estava presente, mas que também fazia parte de mim, da minha história.

Historiadores tentaram construir um monumento no local. Restou somente a cruz de madeira no alto do morro, naquele braço de mar alimentado pelas águas dos rios.

Seu Zequinha, um homem pobre sem baú

Magro e extremamente humilde. Vendo-se a figura pobre, ninguém jamais adivinharia quem é; os olhos chamativos por trás de uns óculos de graus acentuados, de fala mansa, coisa de cearense legítimo, apenas um nordestino como outros por aí afora. Mas Zequinha não era um flagelado tangido pela seca, filho do Ceará, menino das areias perdidas dos bairros carentes e pobres de Fortaleza. Zequinha, o cidadão José Rodrigues Coelho, era um homem feliz, descamisado, sem família, não tinha casa nem profissão, tinha muita fama e era muito querido, carregava um coração imenso, rebentava de amor por todas as criaturas pobres, necessitadas com as quais vivia na humilde comunidade da Barra do Ceará. Zequinha era um benfeitor, usava sandálias de couro cru, roupas simples de tecido barato, sem feito e amarrotadas. No seu tom de voz mansa e cantante, corria o mundo em busca de moedas, roupas velhas, remédios e livros para distribuir para a pobreza. Por ter sido uma criança pobre, Zequinha acolhia as crianças abandonadas. Fundou e criou escolas onde reunia os moleques debaixo dos cajueiros, atraía-os com brincadeiras e muita diversão. Alguém com muita pena arranjava uma salinha para que ele pudesse alfabetizar, outro dava uma cartilha velha, outros davam um dinheirinho para comprar comida para os estômagos vazios da meninada. A história dessa criatura “pobre sem baú”, um

herói humilde, que, mesmo já falecido, impressionou e impressiona até hoje a comunidade.

Zequinha tinha a sabedoria à flor da pele, só o bem e a felicidade dos outros lhe interessavam; servir os semelhantes era sua maior ambição, a virtude da solidariedade, sua maior riqueza. O bem que ele plantou com certeza medrará, e sua lembrança ficará no coração do povo da Barra do Rio Ceará.

SEU ZEQUINHA⁶

*É um rio,
Uma história,
Um coração.
De um homem
Dessas terras por aqui
Gente simples
Que da fonte bebeu
E a vida ensinou
Na correnteza da coragem
De sol a sol
E sal da vida
Na Barra do rio Ceará
Porto de chegada
E partida.*

⁶ Ao José Rodrigues Coelho, amante da Barra do Ceará. Uma das maiores expressões na comunidade. Sua missão era a defesa dos povos. Nasceu em 30/07/1907, e faleceu no dia 25/05/1993.

Mariô

Na Rua Teresa Cristina, nº 1088, bem ali no Mercado São Sebastião onde tudo começara. À família levada para passar os dias na Barra do Ceará, abre-se um leque de encantamento e liberdade para conhecer e lidar com um paraíso. Um verde sem fim descortina-se aos olhos, a natureza, o mar das Goiabeiras, o bar do Araújo em seu estado nativo... Pisávamos em areias brancas com cheiro de praia, tomávamos banhos de rio. Atravessávamos para o outro lado a nado ou em lombo de cavalos, era uma aventura das mais belas que me lembro. Uma casa de sítio batizada biblicamente por Geraldo Bernardes da Silva – meu pai – de rancho Doze Apóstolos, isso com direito à placa artesanal feita por ele. O cajueiral predominava na maior parte do quintal que, por sinal, era imenso. Criávamos cavalos somente para o lazer da família e amigos. Papai nunca foi homem de prender passarinhos, o que me orgulha até hoje. Ah, se os homens entendessem a alma dos pássaros, a liberdade, o que sentem os pássaros engaiolados. Deve ser horrível, humilhante e desumano. Aquele desespero do persistente e constante saltitar é de arrebentar corações mais sensíveis. Covardia e bruta insensibilidade humana. Em frente ao nosso rancho, o matagal se espalhava pelas mãos de nossa mãe, enveredávamos por um estreito caminho.

Eram frequentes as lapadas que levávamos das matas e dos cipós; o objetivo era pegar o ônibus Jardim Petrópolis para chegar ao Centro dos Retalhistas, escola por ela dirigida que ficava na rua Barão do Rio Branco, no centro da cidade. Éramos seis filhos: Geraldinho, François (falecido), Antônio, Neca, Nitinha e Eliana (o rosto mais bonito dos Bernardos, que dolorosamente nos deixou). Dona Mariô é uma dessas criaturas de que tão simples, torna-se uma pessoa infinitamente misteriosa. Parece guardar o mundo, ou um mundo, em suas mãos. Só ela se faz entender e conviver com o seu jeito de mestra, de lições e experiências de vida. Sua arma sublime e poderosa é a educação. Seu legado constitui-se uma referência em todo o estado do Ceará. Quem nunca escudou um dia essa afirmação: “A Mariô é uma das maiores educadoras conhecidas no mundo do Magistério, elogiadíssima por governos e autoridades que conheceram o seu trabalho”? Essa mulher vive nos milhares de corações espalhados vida afora. É comum encontrar pessoas formadas ou bem sucedidas dizerem: “Fui aluno da Dona Mariô, quando diretora da escola Estado de Alagoas”. A inteligência fecunda era uma das suas maiores riquezas, que faziam-na um referencial, uma guerreira que construiu uma história feita de humanismo, fé e muita luz. Nascida em Juareiro do Norte, batizada pelo “Padim Ciço”, uma mulher de história de vida fabulosa, de uma fibra incomum, que soube traduzir tão bem os seus ensinamentos de mãe para filhos

e aos que procuravam-lhe. Teve uma vida cheia de dificuldades, de dores conjugais, mas também de grandes feitos, alegrias, otimismo e perseverança. Falar da Barra do Ceará sem mencionar essa brasileira ilustre é como imaginar um mangue sem um rio, os pores do sol sem as suas cores. Mariô tem uma voz atemporal. Fazendo uso de uma citação que ouvi por aí: “Essa mulher é uma dama de ferro”.

Pelas águas salgadas do Rio Ceará

Litoral Oeste, Barra do Ceará, o encontro das águas do rio com o mar, considerado o marco zero da cidade. Foi em 1603, que na foz desse rio nasceu a cidade de Fortaleza. O lugar poético reúne história e encanto de encher os olhos dos visitantes. Ali, Martim Soares Moreno, em 1612, iniciou o romance com a famosa índia Iracema, “a virgem dos lábios de mel”, citada no romanceiro do escritor José de Alencar. A travessia de chalana até a aldeia dos índios tapebas, em Caucaia, o que já é uma tradição; o barco desliza o belo rio, o encanto da paisagem é um deslumbramento, o mangue, sua vegetação, a mata ciliar, o voo das garças, caranguejos, mexilhões e as mais variadas

espécies dão um colorido todo especial às margens do rio, o cenário é inesquecível, originalmente nativo. Além dos pescadores, que são vistos frequentemente tirando do rio o sustento de suas famílias.

Portas da paisagem

Rio Ceará, cujas águas conheci na infância. Na serra de Maranguape ele nasce e chega à Barra do Ceará, que é uma referência na história do nosso estado. Lembro-me, e ainda guardo na retina dos meus olhos, quando estive por diversas vezes com José Rodrigues Coelho, “Seu Zequinha da Barra”, que dizia-me, exausto, empolgado e visivelmente emocionado, ser a Barra de uma beleza extraordinária, fantástica paisagem, e que sua história contém um profundo tesouro de detalhes, mistérios e riquezas naturais. Jamais me esquecerei do meu querido velho amigo Zequinha, por ser ele a tradução da própria Barra, um eterno e saudoso amante desse aprazível lugar que encantou Soares Moreno.

Rio da minha vida

Rio que adentra e desbrava o mangue e suas margens. Rio que banha a bela paisagem. Rio do voo das garças, bem-te-vis, maçaricos, gaivotas, sibites do mangue, saracuras; esplendorosa magia a céu aberto. Rio que vai dar vida aos peixes. Rio que vai dar vida aos homens, siris, caranguejos, mexilhões, marias, farinhas, mãos-nos-olhos, aratus, grauçás, sururus, taiobas, pixoletas, ostras, búzios, intás. Rio que conduz às ilhas do amor, das garças e do mosquito feito um fio de prata desliza sobre as águas de fim de tarde. Rio do pôr do sol mais bonito. Rio que canta as águas da minha sede. Rio que leva e lava a infância do poeta. Rio onde aflorou e cresceu a poesia do meu canto. Rio da tribo dos tapebas. Rio feito de mistérios e riquezas naturais. Rio que banha de encanto o verde manto da natureza, berço originário de Fortaleza. Rio onde tudo começou. Rio da minha vida.

Cronologia⁷

1603 - Junho - A primeira vez que nosso solo teve contato realmente com a civilização foi quando Pero Coelho de Sousa aqui esteve, não com intuito civilizador, mas à procura de riquezas para cobrir perdas que teve na Paraíba, juntamente com o seu cunhado, Frutuoso Barbosa. Em sua andança, esteve no Mucuripe, onde encontrou uma tribo indígena, e seguiu rumo à Ibiapaba, mas vendo fracassado o seu intuito, voltou, fundando na barra do rio Ceará ou Itarema, um fortim ao qual batizou de São Tiago, chamando a região de Nova Lusitânia, que teria como capital Nova Lisboa, em uma tosca paliçada de paus de quina e algumas casinhas de taipa. Mas logo Pero Coelho seguiu para Recife, deixando aqui Simão Nunes Correia, com 45 soldados.

1706 - 23 de Outubro - A Vila de Fortaleza é transferida para a Barra do Ceará, “donde não deveria ter saído”, de acordo com a ordem do governador de Pernambuco.

1926 - 12 de Outubro - Inaugura-se a Estação Ferroviária da Floresta, hoje Estação Ferroviária Álvaro Weyne, de onde parte o Ramal Ferroviário da Barra do Ceará, também inaugurado naquela ocasião.

⁷ AZEVEDO, Miguel Ângelo. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza; Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 2001, p. 12, 13.

1927 - 08 de Julho - O prefeito municipal sanciona a lei nº 232, que manda fazer o prolongamento da Avenida Demóstenes Rockert até a Barra do Ceará.

1930 - 18 de Julho - Às 14h inaugura-se, na Barra do Ceará, o Aeroporto da Nirba, para aterrissagem de hidroaviões da Nirba do Brasil S.A. Na ocasião foi feito um voo com figuras de destaque na sociedade fortalezense por sobre a Cidade. Suas ruínas ainda existem.

1930 - 10 de Novembro - Chega a Fortaleza o novo ministro de Viação, general Juarez do Nascimento Fernandes Távora (Juarez Távora), acompanhado de José Américo de Almeida e do coronel Magalhães Barata, em hidroavião Domie Wall, pilotado pelo comandante Djalma Petit, que desce na Barra do Ceará. No dia seguinte, 11/11/1930, reúnem-se com políticos e outras autoridades na residência de Manuel do Nascimento Fernandes Távora.

1931 - 12 de Janeiro - Começa o empreendimento (calçamento) da estrada que liga Fortaleza à Barra do Ceará (hoje Avenida Francisco Sá).

1931 - 28 de Junho - Inaugura-se, às 14h30min, o calçamento da Estrada do Urubu, unindo o Jacarecanga à Barra do Ceará, facilitando aos que queriam ir ao Aeroporto de

hidroaviões. Hoje é a Avenida Francisco Sá. O calçamento foi obra do Estado.

1935 - 05 de Dezembro - O Sindicato Condor Ltda. (depois Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul) inicia suas linhas até Fortaleza, aterrissando seus aviões na Barra do Ceará, no Aeroporto Condor. Na ocasião, quando chegou o primeiro avião da Condor, um JU-52, de nome Taquary, pilotado pelo comandante Wachsmuth, que pousou nas águas do Rio Ceará, estiveram presentes vários alemães residentes em Fortaleza, além do interventor Francisco de Menezes Pimentel, do agente da Condor Frits Ulrichs e do Sr. Hans Kurt Stadtha, diretor de publicidade da Condor. Essa linha chegou a Fortaleza graças aos esforços de Ernesto Paschen, com o apoio do interventor federal Francisco de Menezes Pimentel.

1938 - 26 de Fevereiro - Chega em Fortaleza, às 10h25min, a bordo do hidroavião Marimbá, do Sindicato Condor, desembarcando no aeroporto da Barra do Ceará, o Ministro do Trabalho, Waldemar Cromwel do Rego Falcão (Walde-mar Falcão), sendo saudado no Palácio da Luz com discursos de João Perboyre e Silva e Eduardo Mota, transmitidos pela Ceará Rádio Clube-PRE-9.

1938 - 28 de Julho - Chega a Fortaleza, a bordo de um hidroavião do Sindicato Condor, descendo no aeroporto da Barra do Ceará, o cantor Francisco de Moraes Alves

(Francisco Alves), para uma temporada ao microfone do Ceará Rádio Clube-PRE-9, que tinha seus estúdios e transmissores na Avenida João Pessoa, bairro Damas. Francisco Alves apresentou-se também no Theatro José de Alencar, no dia 30. Hospedou-se no Excelsior Hotel.

1940 - 26 de Fevereiro - Do hidroavião Panair, no aeroporto da Barra do Ceará, desembarca o artista de cinema de Hollywood, George O'Brien, para pernoite, hospedando-se no Excelsior Hotel, a caminho da Amazônia. O conhecido artista da "20th Century Fox", de Hollywood, regressa à metrópole do cinema, nos Estados Unidos, depois de ter permanecido alguns dias no Rio de Janeiro, de férias.

1940 - 09 de Maio - Chega a Fortaleza o cantor de rádio Silvio Narciso de Figueiredo Caldas (Silvio Caldas), a bordo de um *junker* do Sindicato Condor, tendo desembarcado no Aeroporto Condor, na Barra do Ceará, para a apresentação no Ceará Rádio Clube e Theatro José de Alencar.

1946 - 22 de Maio - Fundado o Iate Clube Ceará, que será instalado no prédio dos escritórios da Condor, no Aeroporto da Barra do Ceará, tendo na presidência o major Silvio Santa Rosa. Hoje fica na Avenida da Abolição, nº4813, no Mucuripe.

1971 - 20 de Abril - A Câmara da Vila de São José de Ribamar resolve mudar a vila do lugar junto a Fortaleza para a Barra do Rio Ceará.

1997 - Março - A Ponte José Martins Rodrigues, com 540 m de pista dupla, é inaugurada. É a ponte sobre o Rio Ceará, ligando o município de Fortaleza ao de Caucaia.

Bibliografia

AZEVEDO, Miguel Ângelo. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza; Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 2001.

_____. **Fortaleza de ontem e de hoje**. Fortaleza: Prefeitura. Municipal de Fortaleza, 1991.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica Histórica**. Fortaleza: Edições Alagadiço Novo, 1983.

_____. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1997, p. 32.

GUIA INFORMA TUDO. Maio/Junho, 2000, p. 29.

LEITÃO, Adauto. **A Seara de Santiago no Brasil**. Fortaleza: Editora Universitária, 2004, p. 27 e 123 - 124.

SORIANO, Mozart. **História abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a cidade amada**. Imprensa Universitária, 1974.

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no verão de 2014.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.
O papel do miolo é pólen 90g/m², e o da capa é cartão supremo 250g/m².